

Javier Marías

Berta Isla



ALFAGUARA

*A Carme López Mercader,
os olhos atentos que vêem,
os ouvidos atentos que escutam
e a voz que aconselha melhor*

*E a Eric Southworth,
que me proporciona sempre
encontros involuntários e férteis,
após meia vida de amizade*

I

Durante algum tempo não teve a certeza se o seu marido era seu marido, como quando estamos meio a dormir e meio acordados e não sabemos se estamos a pensar ou a sonhar, se ainda somos senhores da nossa mente ou a perdemos por esgotamento. Às vezes acreditava que sim, às vezes acreditava que não, e às vezes decidia não acreditar em nada e continuar a viver a sua vida com ele, ou com aquele homem semelhante a ele, mais velho do que ele. Mas também ela cresceu por sua conta, na ausência dele, era muito jovem quando se casou.

Estes eram os melhores períodos, os mais tranquilos e satisfatórios e mansos, mas nunca duravam muito, não é fácil esquecer uma questão destas, uma dúvida destas. Conseguia deixá-la de lado durante umas semanas e mergulhar no impremeditado quotidiano, do qual goza sem qualquer problema a maioria dos habitantes da terra, que se limitam a ver os dias a começarem e como descrevem um arco para transcorrerem e acabarem. Então imaginam que há uma clausura, uma pausa, uma divisão ou uma fronteira, a que marca o adormecimento, mas na verdade não há: o tempo continua a avançar e a agir, não só no nosso corpo mas também na nossa consciência, o tempo não quer saber se dormimos profundamente ou estamos despertos e alerta, se estamos vigilantes ou de olhos fechados contra a nossa vontade, como se fôssemos sentinelas inexperientes nesses turnos nocturnos de guarda que se chamam imaginários¹ — sabe-se lá porquê —, talvez porque depois parece que não aconteceram, àquele que

¹ *Imaginaria*, no original, termo militar para o serviço de vigilância ou guarda nocturna numa companhia e alusão irónica à condição do recruta, que não pode dormir. (*N. do R.*)

se manteve de vigia enquanto o mundo dormia, se conseguiu manter-se acordado e não ser capturado, ou passado pelas armas em tempo de guerra. Basta um cabeceio invencível e por sua culpa alguém morre ou é adormecido para sempre. Tanto risco em qualquer coisa.

Quando acreditava que o seu marido era seu marido não ficava tão sossegada nem se levantava da cama com muita vontade de começar o dia, sentia-se prisioneira do longamente aguardado e já cumprido e não mais aguardado, quem se habituava a viver à espera nunca consente por completo que esta termine, é como se lhe tirassem metade do ar. E quando acreditava que não o era passava a noite agitada e a culpar-se, e desejava não acordar para não enfrentar os receios em relação ao ente querido nem as censuras com que se castigava a si mesma. Desagradava-lhe ver-se endurecida como uma miserável. Nesses períodos em que decidia ou conseguia não acreditar em nada sentia, em contrapartida, a atracção da dúvida escondida, da incerteza adiada porque, mais cedo ou mais tarde, esta voltaria. Descobriria que viver na certeza absoluta é aborrecido e condena a levar-se apenas uma existência, ou a que a real e a imaginária sejam a mesma, e ninguém escapa inteiramente a esta última. E que, por sua vez, a suspeita permanente não é tolerável porque se torna extenuante observar-se sem cessar e aos outros, sobretudo ao outro, o mais próximo, e fazer comparações com as recordações, que nunca são fiáveis. Ninguém vê com nitidez aquilo que já não está à sua frente, mesmo que acabe de acontecer ou ainda paire no quarto o aroma ou o desagrado de quem acaba de se despedir. Basta que alguém saia por uma porta e desapareça para que a sua imagem comece a desvanecer-se, basta deixar de ver para já não ver claro ou não ver nada; e o mesmo se passa com a audição, para não falarmos do tacto. Então, como pode alguém recordar com precisão e por ordem aquilo que aconteceu há muito tempo? Como se pode representar com fidelidade o marido de há quinze ou vinte anos, aquele que se deitava na cama quando ela já dormia há muito tempo e lhe

penetrava o corpo com o seu membro? Também tudo isto se desvanece e turva, como os imaginários dos soldados. Talvez seja isto o que se desvanece mais depressa.

O descontentamento nem sempre possuía o seu marido, simultaneamente espanhol e inglês, de seu nome Tom ou Tomás Nevinson. Nem sempre desprendera uma espécie de tédio invasor, um desgosto profundo que arrastava consigo por toda a casa e que por isso também vinha à superfície. Chegava com ele como uma emanacão, à sala, ao quarto, à cozinha, ou como se fosse uma tempestade a pairar-lhe sobre a cabeça que o seguia para toda a parte e raramente se afastava dele. Isto levava-o a ser lacónico e a responder a poucas perguntas, às comprometedoras, como é óbvio, mas também às inofensivas. Para as primeiras alegava não estar autorizado a fazer revelações, e aproveitava para recordar à mulher, Berta Isla, que jamais a obteria: mesmo que passassem décadas e estivesse à beira da morte, nunca poderia contar-lhe quais eram as suas andanças presentes, ou as suas tarefas, ou as suas missões, a vida vivida quando não estava com ela. Berta tinha de o aceitar e aceitava-o: havia uma faceta ou uma dimensão do seu marido que permaneceria sempre na escuridão, sempre fora do seu campo visual e dos seus ouvidos, o relato negado, o olho semicerrado ou míope ou mesmo cego; ela apenas podia conjecturá-la ou imaginá-la.

— E além disso mais vale que não o saibas — disse-lhe nalgumas ocasiões, por vezes o hermetismo obrigatório não o impedia de discursar por instantes, em abstracto e sem fazer a mínima referência a lugares nem a indivíduos. — Costuma ser pouco agradável, contém histórias bastante tristes, condenadas a finais desgraçados, para uns ou para outros; de vez em quando é divertida mas é quase sempre feia ou, ainda pior, deprimente. E é frequente sair dela com a consciência pesada. Felizmente

passa-me depressa, é transitória. Felizmente esqueço-me daquilo que fiz, é o que têm de bom os episódios fingidos, não somos nós quem os experimenta ou é como se fôssemos um actor. Os actores retomam o seu ser depois de acabarem o filme ou a representação teatral, e estas acabam sempre por se dissipar. A longo prazo deixam apenas uma vaga recordação como de coisa sonhada e inverosímil, em todo o caso duvidosa. Inclusivamente imprópria de nós, por isso dizemos: «Não, eu não posso ter tido esse comportamento, a memória confunde-se, era outro eu e é um engano.» Ou é como se fôssemos sonâmbulos e nem sequer nos inteirássemos das nossas acções nem dos nossos passos.

Berta Isla sabia que vivia parcialmente com um desconhecido. E alguém que está proibido de dar explicações acerca de meses inteiros da sua existência acaba por sentir-se autorizado a não as dar sobre qualquer aspecto. Porém, Tom também era, parcialmente, uma pessoa de toda a vida, daquelas que se dão por certas como o ar. E nunca perscrutamos o ar.

Conheciam-se quase desde crianças, e nessa altura Tomás Nevinson era alegre e leviano e sem névoas nem sombras. O Instituto Britânico da Rua Martínez Campos, junto ao Museu Sorolla, onde ele começou a estudar, abandonava ou soltava os alunos aos treze ou catorze anos, após aquilo a que na época se chamava o quarto ano do liceu. Teriam de fazer o quinto, o sexto e o pré-universitário, os três anos restantes antes da universidade, noutra sótio, e eram muitos os que passavam para o colégio de Berta, o Estudio, embora fosse apenas por também ser misto e laico, contra as normas em Espanha durante o franquismo, e porque assim não mudavam de bairro, pois a sede do Estudio ficava na vizinha Rua de Miguel Ángel.

A menos que fossem horrorosos ou não tivessem graça alguma, os «novos» costumavam arrasar entre os do sexo oposto precisamente por serem uma novidade, e Berta não tardou a apaixonar-se pelo jovem Nevinson, primitiva e obcecadamente. Nestes amores que começam forçosamente com timidez, com olhares dissimulados, sorrisos e conversas superficiais que

disfarçam a paixão, a qual, no entanto, se enraíza logo de seguida e parece inabalável até ao fim dos tempos, há muitas decisões elementares e arbitrárias mas também estéticas ou presumidas (olhamos à nossa volta e dizemos: «Fico bem com este»). Claro que se trata de uma paixão teórica e nunca submetida a qualquer prova, aprendida dos romances e dos filmes, uma projecção fantasiada em que predomina uma imagem estática: a rapariga imagina-se casada com o escolhido e ele com ela, como um quadro sem desenvolvimento nem variação nem história; a visão fica-se por aí, nenhum dos dois tem capacidade para ir mais longe, para se verem numas idades remotas que nada lhes dizem e lhes parecem inalcançáveis, para representarem outra coisa que não seja o culminar, após o qual é tudo impreciso e pára; ou é um dado adquirido, para os mais clarividentes ou obstinados. Numa época em que ainda era costume que, ao deixarem de ser solteiras, as mulheres acrescentarem um «de» ao seu apelido, seguido pelo do marido, na escolha de Berta até tiveram influência os efeitos visuais e sonoros do seu futuro nome longínquo: seria muito diferente passar a ser Berta Isla de Nevinson, que evocava aventuras ou paragens exóticas (um dia teria um cartão-de-visita no qual mandaria escrever exactamente estes nomes; e mais o quê logo se veria), do que Berta Isla de Suárez, para mencionar o apelido do colega de quem gostou até Tom ter aparecido no colégio.

Não foi a única rapariga da turma que se fixou nele desse modo veemente e decidido, e que teve esperanças. Com efeito, a chegada dele provocou um rebuliço geral no microcosmo, que se prolongou por dois trimestres, até ter dona conhecida. Tomás Nevinson era bastante bem-parecido e um pouco mais alto que a maioria, com o cabelo alourado penteado para trás e antiquado (como o dos pilotos dos anos 40, ou dos ferroviários quando o usavam mais curto, ou dos músicos quando o tinham mais comprido, nunca muito contra a tendência que se ia impondo; fazia lembrar o do actor secundário Dan Duryea e assemelhava-se ao do actor principal Gérard Philipe quando adquiria o volume máximo: para os que tiverem curiosidade visual ou memória),

e toda a sua pessoa transmitia a solidez de quem é imune às modas e portanto às inseguranças, que tantas formas adoptam por volta dos quinze anos e às quais quase ninguém escapa. Dava a impressão de não estar submetido à sua época, ou de a sobrevoar, como se não concedesse importância às circunstâncias do acaso, e é-o sempre o dia em que nascemos, mesmo o século. Na verdade as suas feições mais não eram do que agradáveis, nem sequer era um exemplo de inegável beleza juvenil; rasavam a insipidez que, ao cabo de umas décadas, delas se apropriaria sem remédio. Mas, por enquanto, salvavam-na desta os lábios carnudos e bem delineados (que convidavam a que os percorressem com o dedo e apalpassem, talvez mais do que a serem beijados) e o olhar cinzento-mate ou brilhante atormentado, consoante a luz ou o tormento incipiente que nele se estivesse a condensar: uns olhos penetrantes, inquietos e mais amendooados do que o habitual, que raramente descansavam e contradiziam a serenidade da sua figura. Nesses olhos vislumbrava-se qualquer coisa de anómalo, ou talvez se anunciassem anomalias vindouras, então apenas à espreita ou escondidas, como se ainda não tivesse chegado a hora de despertarem e tivessem de amadurecer ou incubar para alcançarem a sua plena potência. Ao nariz faltava-lhe distinção, bastante largo e como se não acabasse, ou pelo menos sem definição. O queixo era vigoroso, a puxar para o quadrado, ligeiramente saliente, e conferia-lhe um ar determinado. Era tudo o que possuía de atraente, ou de encanto, e nele imperava, mais do que o aspecto, o carácter irónico e leviano, propenso a piadas simples e despreocupado, tanto em relação àquilo que acontecia no exterior como ao que ventilava na sua cabeça, que não seria fácil de adivinhar nem sequer para ele próprio quanto mais para os que o rodeavam: Nevinson evitava a introspecção e falava pouco da sua personalidade e das suas convicções, como se ambas as práticas lhe parecessem uma brincadeira de miúdos e uma perda de tempo.

Era o contrário do adolescente que se descobre e analisa e observa e procura decifrar-se, impaciente para averiguar a que

género de indivíduo pertence; sem perceber que a pesquisa é inútil porque ainda não está completamente formado e, além disso, esse saber só chega — se é que chega e não se vai modificando e negando — quando se tomam decisões de peso e se actua no momento, e quando isto acontece já é tarde para rectificar e ser de outro género. Em todo o caso, Tomás Nevinson não estava muito interessado em dar-se a conhecer nem certamente em conhecer-se, ou então já teria completado o segundo processo e o primeiro considerava-o costume de narcisistas. Talvez fosse da metade inglesa da sua ascendência, mas ao fim e ao cabo ninguém sabia muito bem como era. Sob a sua aparência amistosa e diáfana, mesmo afável, havia uma fronteira de opacidade e reserva. E a maior opacidade consistia em os outros não terem consciência disso, mal davam conta dessa camada impenetrável.

Era completamente bilingue, falava inglês como o pai e espanhol como a mãe, e o facto de ter vivido sobretudo em Madrid quando ainda nem sequer era capaz de articular uma palavra, ou muito poucas, em nada prejudicava a sua fluência ou eloquência na primeira destas línguas: fora educado nela durante a infância e era a que dominava em sua casa, e desde que tinha memória passou todos os Verões em Inglaterra. A isto acrescia a sua facilidade para aprender terceiras ou quartas línguas e uma habilidade extraordinária para imitar falas e cadências e dicções e sotaques, bastava-lhe ouvir uma pessoa por instantes para conseguir imitá-la na perfeição, sem ensaio prévio nem esforço. Com isto conquistava simpatias e risos dos seus colegas, que acabavam por lhe solicitar as suas melhores interpretações. Também colocava a voz com eficácia e assim conseguia reproduzir as dos seus imitados, que naqueles anos do colégio eram sobretudo figuras da televisão, o mais do que conhecido Franco e um ou outro ministro que aparecia mais nas notícias do que os restantes. As piadas no idioma paterno guardava-as para as suas estadas em Londres e na zona de Oxford, para os amigos e parentes de lá (o senhor Nevinson era natural desta última cidade); no Estudio, no bairro de Chamberí, ninguém as teria compreendido nem aplaudido, à excepção de dois ex-colegas, bilingues como ele, do Instituto Britânico. Quando se expressava num ou outro idioma não se lhe notava o menor vestígio de estrangeirismo, falava ambos como um nativo, por isso nunca teve problemas em ser aceite em Madrid como mais um apesar do seu apelido, conhecia o calão e o jargão e, se quisesse, podia ser tão ordinário quanto o rapaz mais malcriado da capital, excluindo os arrabaldes.

De facto era mais um, mas em muito maior escala mais um espanhol do que qualquer inglês. Não pôs de parte a ideia de fazer o curso universitário no país do pai, que o instou a fazê-lo, mas concebia a sua vida em Madrid, como sempre, e desde logo ao lado de Berta. Se o admitissem em Oxford talvez fosse, mas tinha a certeza de que quando terminasse o curso voltaria e ficaria.

O progenitor, Jack Nevinson, estabelecera-se em Espanha havia muitos anos, inicialmente por acaso e depois por evidente paixão e casamento. Tom não tinha memória da sua existência noutro sítio, apenas sabia que a teve. Mas os filhos costumam ignorar aquilo que os pais viveram antes de eles terem nascido ou, mais ainda, não lhes diz respeito até serem adultos e, por vezes, já é demasiado tarde para perguntarem. O senhor Nevinson acumulava cargos na embaixada britânica com afazeres no British Council, para onde entrou pela mão do seu representante em Madrid durante quase três lustros, o irlandês Walter Starkie, também fundador do Instituto Britânico em 1940 e seu director durante muito tempo, hispanista entusiasta, andarilho e autor de vários livros sobre os ciganos, incluindo um intitulado um pouco ridiculamente *Don Gypsy*. Jack Nevinson teve muita dificuldade em dominar a língua da mulher e, apesar de ter acabado por o conseguir sintáctica e gramaticalmente, com um vocabulário amplo embora antiquado e livresco, nunca se libertou do seu sotaque muito marcado, o que fazia que os filhos o vissem parcialmente como um intruso em casa e se lhe dirigissem sempre em inglês, para evitarem risos tontos irreprimíveis e enrubescentes de vergonha. Sentiam-se nervosos quando tinham visitas espanholas e não lhe restava outra solução a não ser recorrer ao castelhano; na boca dele soava-lhes quase a piada, como se ouvissem as dobragens que Laurel e Hardy, o Bucha e o Estica, faziam com as suas próprias vozes e pronúncias para a exibição no domínio hispânico dos seus já velhos filmes (ao fim e ao cabo, Stan Laurel era inglês, não americano, sotaques muito diferentes quando se aventuravam a sair do seu idioma). Talvez esta insegurança oral no país de adopção contribuisse para que, por vezes,

Tom olhasse para o pai com um paternalismo incongruente, como se os seus grandes dotes para a aprendizagem de outras línguas e a imitação de novos falares o induzissem a crer que poderia safar-se muito melhor no mundo — também abarcá-lo, ou tirar proveito dele — do que alguma vez conseguiria Jack Nevinson, homem pouco autoritário e resoluto em família e, supunha, bastante mais fora desta.

Não se autorizava a ter este olhar de superioridade prematura em relação à mãe, Mercedes, mulher carinhosa mas muito vigilante, a quem ainda por cima teve de respeitar e aturar como professora durante dois anos no Britânico, a cujo corpo docente pertencia. Por isso, «Miss Mercedes», assim a tratavam os alunos, conhecia bem a língua do marido e falava-a com mais desenvoltura do que ele a dela, embora também com sotaque. Desta feita, os únicos que não o tinham eram os quatro rebentos: Tom, um irmão e duas irmãs.

Em contrapartida, Berta Isla era nitidamente madrilena (de quarta ou quinta geração, algo pouco frequente na época), uma beleza morena, temperada ou suave e imperfeita. Se se lhe analisassem os traços nenhum era deslumbrante, mas no conjunto o seu rosto e a sua figura eram desconcertantes, exerciam a atracção irresistível das mulheres alegres e sorridentes e com tendência para a gargalhada; parecia estar sempre contente, ou estar por coisa pouca ou procurar estar a todo o custo, e há muitos homens para quem isto se torna um elemento desejável: é como se quisessem apropriar-se desse riso — ou suprimi-lo, quando existem maus instintos — ou ver que lhes é dedicado ou que são eles que o provocam, sem se darem conta de que essa dentadura que ilumina permanentemente a cara, e que atrai com força aqueles que a avistam, aparecerá em todo o caso, sem que seja convocada, como se fosse uma feição invariável, tanto como o nariz ou a testa ou as orelhas. Esta tendência risonha de Berta denotava um bom carácter, mesmo complacente, mas era ligeiramente enganadora: a sua alegria era natural, fácil e pronta, mas se não encontrasse motivo não se dedicava a desperdiçá-la nem a fingi-la;

é verdade que encontrava múltiplos motivos; no entanto, se não os houvesse, podia ficar muito séria, ou triste, ou aborrecida. Nada disto durava muito, era como se se aborrecesse destes estados de espírito melancólicos ou intratáveis, como se não visse neles recompensa nem uma evolução interessante e lhe parecesse que o seu prolongamento era monótono e não continha ensinamentos, um insistente gotejar que apenas elevava o nível do líquido, sem o transformar; mas não os repelia tontamente quando a assaltavam. Sob a sua aparência de assentimento, quase de bonomia, era uma jovem com ideias claras e até pertinaz. Se queria uma coisa, lutava por ela; não frontalmente, não infundindo medo nem impondo-se, nem pressionando, mas com persuasão e habilidade e solicitude, tornando-se imprescindível e, isso sim, com uma determinação absoluta, como se nunca tivesse qualquer motivo para dissimular os desejos quando não são sujos nem malignos. Possuía a faculdade de transmitir uma ilusão entre os seus conhecidos e amigos e namorados, na medida em que pudéssemos chamar namorados aos seus eleitos dos tempos de adolescência: conseguia levá-los a acreditar que o pior que lhes poderia acontecer seria perdê-la, ou perder o seu apreço, ou a sua companhia jovial; e, da mesma maneira, convencia-os de que não existia melhor bênção no mundo do que a sua proximidade, como partilhar com ela as aulas, brincadeiras, projectos, diversão, conversas ou toda a existência. Não que fosse mal-intencionada nisto, uma espécie de Iago que comanda e manipula e engana com o sussurro persistente ao ouvido, de modo algum. Ela própria devia aceitar tal coisa com espontaneidade e ufania, e assim carregava a certeza consigo, pintada na testa ou no sorriso ou nas bochechas coradas, e contagiava-a sem o pretender. O seu êxito não se limitava aos rapazes, também o tinha com as amigas: ser amiga dela era como um sinal de glória, uma honra fazer parte da sua órbita; curiosamente, não provocava inveja nem ciúmes, ou poucos; era como se a sua afectuosidade sincera fizesse que quase todos a protegessem contra as injustiças e as desapiedadas malevolências dessa idade inconstante e arbitrária. Também Berta,

tal como Tomás, parecia saber desde muito cedo a que género de indivíduo pertencia, a que tipo de rapariga e de mulher futura, como se nunca tivesse duvidado de que o seu papel era o de protagonista e não secundário, pelo menos na sua própria vida. Em contrapartida, há pessoas que temem ver-se como secundárias, até da sua própria história, como se já tivessem nascido a saber que, por mais únicas que todas sejam, a sua não merecerá ser contada por ninguém, ou será apenas objecto de referência quando se conta a de outra, mais atribulada e chamativa. Nem sequer como passatempo de uma sobremesa prolongada, ou de uma noite de insónia junto à lareira.

Foi no terceiro trimestre do quinto ano do liceu que Berta e Tom se juntaram tão abertamente quanto é possível nessas idades e as restantes pretendentes dele acataram com um suspiro de aceitação e renúncia: se Berta estava interessada a sério, não era de estranhar que Tomás Nevinson a preferisse, afinal de contas a metade masculina do colégio Estudio virava a cabeça para a admirar intensamente, desde havia um ou dois anos, quando se cruzava com ela nas enormes escadarias de mármore ou no pátio, durante os intervalos. Atraía o olhar dos da sua turma, dos mais velhos e dos mais novos, e houve vários miúdos de dez ou onze anos cujo primeiro amor distante e maravilhado — aquele amor ainda sem esse nome — foi Berta Isla e por isso nunca a esqueceram, nem na juventude nem na idade adulta nem na velhice, apesar de jamais terem trocado com ela uma frase e para ela nunca terem existido. Até os rapazes de outros centros rondavam por ali para a verem à saída e a seguirem, e os do Estudio, com um sentido de pertença exacerbado, abespinhavam-se face aos intrusos e zelavam para que não caísse nas redes de alguém alheio a «nós».

Nem Tom nem Berta, que tinham nascido em Agosto e Setembro, respectivamente, haviam feito quinze anos quando concordaram em «sair» ou «serem namorados», como então se dizia, e comprometer-se. Na verdade, ela comprometera-se muito antes, dera-se apenas ao incômodo de disfarçar a sua paixão primitiva e obcecada — ou em contê-la — o suficiente para não se tornar maçadora nem descarada, o suficiente para ser educada — com a educação de meados dos anos 60 do século passado — e para que ele tivesse a sensação, quando se decidisse a dar o passo,

de não ter sido meramente escolhido e conduzido, e de tomar alguma iniciativa.

Os pares tão precoces estão condenados a desenvolverem uma espécie de fraternidade, mesmo que seja apenas porque durante o seu primeiro período — o período inaugural, que tantas vezes marca o rumo do vindouro — sabem que têm de esperar para concretizarem os seus amores e ardores. Naquela classe social e naquele tempo pelo menos, e apesar das urgências da sexualidade primitiva e geralmente explosiva, considerava-se imprudente e desrespeitoso forçar as coisas quando a relação era a sério, e Tomás e Berta souberam logo que com eles era a sério, que não se tratava de um devaneio que terminaria no fim do ano, nem sequer dois anos mais tarde, quando acabassem o liceu e abandonassem o colégio. Em Tom Nevinson havia algo de timidez e toda a inexperiência nesse campo, e ainda lhe sucedeu aquilo que sucede a tantos rapazes: respeitam demasiado aquela que escolheram como amor da sua vida presente, futura e eterna, evitam exceder-se com ela como não evitam com outras, e é frequente acabarem por exagerar a protecção e o cuidado porque a vêem como um ideal, apesar de ser de interrogativa carne e saudável osso e intrigado sexo, por temerem profaná-la e torná-la quase intocável. E a Berta aconteceu aquilo que sucede a muitas raparigas: sabedoras de que podem lhes tocar sem reservas e com curiosidade em serem profanadas, não querem passar por impacientes e menos ainda por ávidas. De tal maneira que não é raro que, de tanto se guardarem e admirarem com paixão e beijarem com cuidado, excluindo zonas do corpo; de tanto acariciarem com deferência e travarem quando sentem que a deferência sucumbe, a primeira vez que concretizam os seus amores fazem-no em separado e vicariamente, ou seja, com terceiros ocasionais.

Perderam os dois a virgindade no seu primeiro ano na universidade, e nenhum deles contou ao outro. Nesse ano estiveram relativamente afastados, mas tal distanciamento acabou por ser muito relativo: Tom foi aceite em Oxford, em grande parte graças às diligências do pai e de Walter Starkie mas também pelas

suas grandes aptidões linguísticas, e Berta começou Filosofia e Letras na Complutense. Os períodos de férias são extensos nessa universidade inglesa, pouco mais de um mês entre Michaelmas e Hilary, outro tanto entre Hilary e Trinity e três completos entre Trinity e o novo Michaelmas ou início do ano, como lá se chamam os três *terms* ou muito falsos trimestres, por isso Tomás regressava a Madrid ao fim de oito ou nove semanas de estada e de estudo árduo e tinha tempo para retomar a sua vida madrilena, ou de não a perder completamente de vista, de não cortar de todo com esta nem de a substituir, de nunca se esquecer de nada. No entanto, essas oito ou nove semanas também davam tempo, a ambos, para deixarem o outro à espera, isto é, entre parênteses. E ao mesmo tempo sabiam que, quando voltassem a estar juntos e tudo regressasse à normalidade, aquilo que ficaria entre parênteses seria o período de separação. A distância reiterada permite isto, que nenhuma das etapas intermédias seja cabalmente real, que sejam ambas fantasmagóricas, que cada uma esborrate e negue a outra durante o seu reinado, que quase a apague; e, em suma, que nada do que ocorre nelas seja terreno nem vigília, conte realmente como acontecido nem tenha demasiada importância. Tom e Berta não sabiam que este iria ser o signo de grande parte da sua vida juntos, ou juntos mas com pouca presença e sem rumo, ou juntos e de costas um para o outro.

Em 1969, duas modas percorriam a Europa e diziam respeito sobretudo aos jovens: a política e o sexo. As revoltas parisienses de Maio de 1968 e a Primavera de Praga, esmagada pelos tanques soviéticos, deixaram em efervescência — ainda que breve — meio continente. Além disso, em Espanha perdurava uma ditadura instaurada já fazia mais de três décadas. As greves de operários e estudantes levaram o regime franquista a decretar o estado de exceção em todo o território nacional, o que foi apenas um eufemismo para limitar ainda mais uns direitos já de si tão parcós, aumentar as prerrogativas e a impunidade da polícia e conceder-lhe carta-branca para fazer o que quisesse com quem quisesse. A 20 de Janeiro, o aluno de Direito Enrique Ruano, que três dias antes fora detido pela temida Brigada Político-Social por distribuir panfletos, morreu quando estava à guarda desta. A versão oficial, variada e cheia de contradições, foi que o jovem, de vinte e um anos, levado para um edifício da actual Rua Príncipe de Vergara para efectuar um registo, escapou aos três polícias que o vigiavam para cair ou atirar-se por uma janela do sétimo andar onde se encontravam. O ministro Fraga e o jornal *Abc* esforçaram-se por apresentar o caso como um suicídio e por atribuir a Ruano uma mente fraca e desequilibrada, publicando na primeira página e em folhetim uma carta ao seu psiquiatra que cortaram e manipularam para que parecessem extractos de um suposto diário íntimo atormentado. No entanto, quase ninguém acreditou nessa versão e o episódio foi visto como um assassinato político, pois o estudante era membro da Frente de Libertação Popular ou «Felipe», organização clandestina antifranquista de pouca monta, como o eram forçosamente quase todas (de pouca

monta e clandestinas). A incredulidade geral estava justificada, e não só pelo arraigado costume de mentir de todos os governos da ditadura: vinte e sete anos depois comprovou-se, quando o cadáver foi exumado por ocasião do complicado processo contra os três polícias — já em democracia —, que lhe tinham serrado uma clavícula, osso pelo qual, sem margem para dúvidas, penetrou uma bala. Naquela época a autópsia foi falsificada, a família não teve autorização para ver o corpo e foi proibida de publicar uma nota na necrologia da imprensa; e Fraga, o ministro da Informação, convocou pessoalmente o pai para o intimidar a não protestar e a calar-se com uma frase semelhante a esta: «Lembre-se de que tem outra filha para cuidar», uma referência à irmã de Ruano Margot, que também andava metida na política. Embora passado tanto tempo não se conseguisse provar nada e os três «sociais» tivessem sido absolvidos da acusação de assassinato — Colino, Galván e Simón, os seus apelidos —, provavelmente o jovem foi torturado durante os dias da sua detenção, incluindo o último, quando por fim o levaram para o andar na Príncipe de Vergara, o balearam e atiraram pela janela. Já em 1969 foi nesta versão que os colegas dele acreditaram.

A indignação estudantil foi tão grande que nas mobilizações das datas seguintes participaram inclusivamente universitários que até então tinham sido sobretudo apolíticos ou preferiram não correr riscos nem arranjar problemas, como Berta Isla. Uns amigos da faculdade convenceram-na a ir com eles a uma manifestação convocada para um final de tarde na Praça de Manuel Becerra, perto da praça de touros de Las Ventas. Aquelas concentrações duravam pouco e eram todas ilegais: a Polícia Armada, os chamados *grises* (cinzentos) devido à cor dos seus uniformes, costumava saber de antemão, dispersava qualquer grupo aos empurrões e, caso algum conseguisse formar-se, tornar-se compacto e marchar uns metros a gritar uma palavra de ordem, para não dizer se voavam pedras contra lojas ou bancos, em seguida carregava a pé ou a cavalo com os seus cassetetes pretos, compridos e flexíveis (mais flexíveis e compridos os dos cavaleiros, quase

como chicotes curtos e grossos), e havia sempre nas suas fileiras um rufia ou nervoso que empunhava a pistola para incutir mais medo ou senti-lo ele menos.

Assim que a refrega começou Berta viu-se a correr à frente dos guardas, juntamente com muitos colegas e desconhecidos. Cada qual fugiu para seu lado, confiantes de que os perseguidores não os escolheriam como alvo e se inclinariam por bater nos outros. Ela era novata nestes motins e não sabia nada, se era melhor enfiar-se no metro ou refugiar-se num bar e misturar-se com os clientes ou permanecer na rua, onde teria sempre a possibilidade de voltar a correr e não ficar encurralada num sítio. Sabia, isso sim, que ser detido numa algazarra política pressupunha uma noite e algumas estaladas na Direcção-Geral de Segurança, no melhor dos casos, e no pior um processo e uma pena de meses ou mesmo de um ou dois anos, consoante a malevolência do juiz amestrado, além da expulsão imediata da universidade. Também sabia que ser rapariga e muito jovem (era o seu primeiro ano na universidade) não a livraria do castigo que lhe tocasse em sorte.

Não tardou a perder os amigos de vista, ficou em pânico na noite cerrada e mal iluminada pelos candeeiros fracos, correu de um lado para o outro sem saber para onde ir, de repente deixou de sentir todo o frio de Janeiro, sentiu o ardor de um perigo desconhecido, quis afastar-se do tumulto instintivamente e afastou-se da praça a correr por uma rua adjacente não muito larga e bastante vazia de manifestantes, a turba optara por outros caminhos ou tentava não se dispersar demasiado para se reagrupar e tentar de novo em vão, o temor e a fúria a aumentar, os ânimos exaltados, acelerados os pulsos e desterrados os cálculos. Ia como alma levada pelo diabo, aterrada, sem ver ninguém nem à direita nem à esquerda pelos cantos dos olhos enquanto voava com a ideia de nunca parar ou só quando se considerasse a salvo, até deixar a cidade para trás ou chegar a sua casa, e então ocorreu-lhe virar a cabeça sem abrandar a velocidade — talvez tivesse ouvido um ruído estranho, o resfôlego ou o trote nítido, um ruído

de veraneio, de aldeia, de campo, um ruído de infância — e viu atrás de si, quase em cima dela, a figura enorme de um *gris* a cavalo com o cassetete erguido, prestes a descarregar-lhe uma chibatada na nuca ou nas nádegas ou nas costelas, que sem dúvida a teria atirado ao chão, que com certeza a teria deixado inconsciente ou atordoada, sem capacidade de reacção nem de mais fuga, destinada a receber uma segunda e uma terceira carga se o guarda fosse sanhoso, ou a ser arrastada, algemada e metida numa ramona se não caísse, e a ver retorcido o seu presente e a perder todo o futuro nuns poucos minutos de irreflexão e azar. Viu o focinho ao cavalo preto e julgou também ver o do *gris*, embora este tivesse a testa tapada com o capacete e o queixo pelo francalete, um tanto subido e reforçado. Berta não tropeçou nem ficou paralisada pelo susto, antes acelerou inutilmente a corrida com as últimas forças do desespero, é aquilo que uma pessoa faz mesmo que esteja condenada, que podem umas pernas de rapariga contra as patas de um veloz quadrúpede, e mesmo assim essas pernas estugam o passo como as de um animal ignorante que ainda acredita que pode escapar. Foi então que surgiu um braço de uma ruela lateral, uma mão que a puxou com brio fazendo-a perder o equilíbrio e cair de bruços, mas que a arrebatou do cavalo e do cavaleiro e do impacto mais que certo do cassetete. Estes seguiram em frente, pelo menos alguns metros devido à inércia, é difícil travar uma cavalgadura de repente, era de esperar que não se entendessem e fossem à procura de outros subversivos para os açoitarem, havia-os às centenas nas redondezas. A mão pô-la de pé com outro puxão e Berta viu um jovem bem-parecido e sem pinta alguma de ser estudante nem de participar em protestos: os revoltosos não usavam gravata nem chapéu e aquele jovem sim, além de um sobretudo que pretendia ser elegante, comprido, azul-marinho e com a gola levantada. Era um tipo antiquado, o chapéu com a aba demasiado estreita, como se tivesse sido herdado.

— Vamo-nos embora daqui, rapariga — disse-lhe. — Mas já, na gáspea! — E voltou a puxá-la, queria tirá-la dali, guiá-la, salvá-la.

No entanto, antes que pudessem perder-se por aquela ruela, o guarda a cavalo reapareceu, apressara-se a regressar pela sua presa. Fizera a montada dar meia-volta e retrocedera a galope, como se tivesse ficado furioso por não apanhar uma peça que já tinha individualizado e estava no papo ou quase. Agora teria de optar por um dos dois, Berta e o jovem que ousara escondê-la, ou, se agisse com rapidez e com tino, poderia caçar ambos, sobretudo se em seu auxílio acorressem outros colegas da polícia, não se viam por ali, o grosso estaria ocupado na praça com ganas, costumavam bater a torto e a direito sem consideração, esperavam apenas por uma voz de comando e carregavam logo. O rapaz do chapéu apertou a mão de Berta, mas não pareceu sobressaltado, antes se endireitou desafiador, um sangue-frio, a desdenhar o perigo ou não disposto a mostrar temor. O *gris* ainda brandia o cassetete comprido, mas a sua atitude não era ameaçadora, tinha-o cruzado sobre o pulso da mão que agarrava as rédeas, como se fosse uma cana de pesca ou um caniço de juncos que fazia balançar. Também era muito jovem, com uns olhos azuis e sobrancelhas fartas e escuras, era o que mais saltava à vista sob o capacete justo, uns traços agradáveis com reminiscências rurais, meridionais, andaluzas provavelmente. Berta e o antiquado ficaram quietos a olhar para ele, não se atreveram a correr pela ruela, que talvez tivesse pouca ou má saída. Ou, na realidade, souberam logo que não tinham de fugir daquele cavaleiro.

— Não ia dar-te uma surra, rapariga, por quem me tomas? — disse o *gris* a Berta; ambos a trataram da mesma maneira, um vocativo invulgar na Madrid dessa época, sobretudo entre rapazes. — Só queria afastar-te da confusão à força. És muito jovem para te meteres nestes apertos. Andor, desaparece! E tu — e dirigiu-se ao antiquado — não voltes a atravessar-te no meu caminho ou vais dar-te muito mal: bordoada e uma temporada a veres o sol aos quadradinhos. Desta vez safas-te. Vá, desapareçam. Já perdi muito tempo convosco.

O jovem, com a gravata com o nó bem dado e o sobretudo até meio das pernas, não se amedrontou ante aquela ameaça

futura. Manteve-se muito direito e com o olhar frio e alerta e bem fixado no do cavaleiro, como se lhe fosse ler as intenções e estivesse convencido de que, se ele acometesse, o saberia desmontar a partir do chão. E contra aquilo que acabara de dizer, o guarda não se foi logo embora, como se esperasse que os seus perdoados o fizessem primeiro, ou quisesse prolongar ao máximo a visão da rapariga, não a perder de vista até que desaparecesse do seu campo visual e os seus olhos já não pudessem divisá-la, por muito que o tentassem. Nenhum dos dois lhe respondeu, e Berta Isla lamentou-o mais tarde, não lhe ter agradecido. Mas naqueles tempos não passava pela cabeça de ninguém agradecer a um *gris*, a um polícia de Franco, mesmo que disso fosse merecedor. Eram o inimigo de quase todos e desprezíveis, eram os que perseguiam e espancavam e detinham e arruinavam vidas recém-começadas.

***Berta Isla* é a história de uma mulher que espera e se transforma.**

«Durante algum tempo não teve a certeza se o seu marido era seu marido. Às vezes acreditava que sim, às vezes acreditava que não, e às vezes decidia não acreditar em nada e continuar a viver a sua vida com ele, ou com aquele homem semelhante a ele, mais velho do que ele. Mas também ela cresceria por sua própria conta, na ausência dele, era muito jovem quando se casou.»

Berta Isla e Tomás Nevinson conheciam-se muito jovens, em Madrid, e rapidamente decidiram passar o resto da vida juntos. Não podiam adivinhar, enquanto estudantes no dealbar da idade adulta, que o futuro lhes reservava uma convivência intermitente, pontuada por um desaparecimento.

Berta casou com Tomás pensando que o conhecia desde sempre, convencida de ter encontrado o seu destino. Mas, na realidade, não sabia nada verdadeiramente importante sobre ele. Tomás escondia-lhe algo que não podia partilhar com ninguém, nem mesmo com ela. No tempo em que fora estudante em Oxford, um acidente num «dia estúpido» mudou tudo e condicionou a sua vida para sempre, e a de Berta também.

Berta Isla é a história de um homem que quer intervir na História, acabando desterrado do mundo. É a história de uma mulher que espera por uma vida completa e, nessa espera, se transforma. É, sobretudo, uma história da fragilidade e tenacidade de uma relação condenada ao segredo, ao fingimento, ao desencontro; uma história de amor em que lealdade e ressentimento se entrelaçam.

«Cada coração palpitante é um segredo para o coração mais próximo, aquele que dormita e palpita ao seu lado», escreveu Dickens. E essa é a história de todas as relações de amor.



Prémio Nacional da Crítica Melhor Livro do Ano (*El País*)

**«O que cabe em *Berta Isla* somos nós. Aquilo que nos move
e que nos dói. O que não sabemos, mas suspeitamos.»**

ANTONIO LUCAS, *El Mundo*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt
penguinlivros
alfaguaraeditora

ISBN 9789897844454



9 789897 844454 >